

Swede Levov: O Herói Trágico Americano de *American Pastoral*

Diogo Oliveira

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Citation: Diogo Oliveira. "Swede Levov: O Herói Trágico Americano de *American Pastoral*." *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 12, n.º 1, 2023, pp. 60-72. ISSN: 2182-9934. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>. DOI: https://doi.org/10.21747/2182-9934/via12_1a5.

Abstract

This essay aims to analyse the character of Seymour "Swede" Levov in the novel *American Pastoral*, written by Philip Roth and published in 1997, as the first book of Roth's American Trilogy. For such, we start with an overview of the trilogy and provide background to the following works: *I Married a Communist* (1998) and *The Human Stain* (2000). Then we move on to an analysis of the protagonist of *American Pastoral*. The study of the character is divided in three sections: the first section studies the character in itself and his conception of the American Dream, whereas the second section looks into his relationship with his wife, in order to reflect upon the female condition in the 1960's, as well as the role of the husband, from a feminist perspective. The third and fourth sections concern Swede's daughter, Merry, in order to focus on their relationship, study the consequences of generation gap, and address how this father/daughter relationship may illustrate the Electra Complex, as proposed by Carl Jung. The fourth sections combined will contribute to understand what originated the tragedy of Swede Levov, a central theme in the novel.

Keywords: Philip Roth; American Trilogy; Feminism; American Dream; Carl Jung

Resumo

Este ensaio tem como objetivo central analisar a personagem de Seymour "Swede" Levov no romance *American Pastoral*, escrito por Philip Roth e publicado em 1997, como o primeiro livro da Trilogia Americana. Para tal, partimos de uma visão geral da trilogia e fornecemos um pano de fundo para as restantes obras: *I Married a Communist* (1998) e *The Human Stain* (2000). Em seguida, passamos para a análise do protagonista de *American Pastoral*. O estudo da personagem está dividido em três partes: a primeira parte aborda a personagem e a sua conceção do Sonho Americano, enquanto a segunda parte se concentra na relação de Swede com a esposa, a fim de refletir sobre a condição feminina na década de 1960, bem como o papel do marido, segundo uma perspetiva feminista. A terceira e a quarta partes incidem sobre a filha de Swede, Merry, focando o relacionamento dos dois, as consequências do conflito entre gerações, e o modo como a esta relação entre pai e filha poderá constituir-se como exemplo do

Complexo de Electra, tal como descrito por Carl Jung. As quatro partes permitirão compreender melhor a tragédia de Swede Levov, um dos temas centrais do romance.

Palavras-chave: Philip Roth; Trilogia Americana; Feminismo; Sonho Americano; Carl Jung

Introdução: *American Pastoral* e a Trilogia Americana

Em 1997, Philip Roth publica o primeiro volume da que viria a ser conhecida como a Trilogia Americana, composta por três romances: *American Pastoral* (1997), *I Married a Communist* (1998) e *The Human Stain* (2000), narradas pelo já conhecido Nathan Zuckerman, que, após passar a barreira dos sessenta anos de idade, opta por uma vida de seclusão, devotando-se essencialmente à sua escrita.

O presente artigo centra-se em *American Pastoral*, e mais concretamente no seu protagonista masculino, Seymour “Swede” Levov, para a partir de tal observação considerar os papéis de género refletidos na sua relação com a esposa, Dawn Levov, e com a filha, Merry Levov. Artigos como “Newark Maid Feminism in Philip Roth’s *American Pastoral*” (2000), de Marshall Bruce Gentry, e “Roth and gender” (2007), de Debra Shostak, já afloraram esta questão, mas o presente artigo diferencia-se dos demais porque aplica na sua análise ferramentas conceptuais decorrentes da leitura de *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan, e *The Theory of Psychoanalysis*, de Carl Jung, o que não acontece com Gentry; e toma como objeto de estudo *American Pastoral*, ao contrário de Shostak que se foca essencialmente nos romances *Portnoy’s Complaint* e *Sabbath’s Theater*.

Tal como é analisado no quinto capítulo do livro *Mocking the Age: The Later Novels of Philip Roth*, de Elaine B. Safer, Roth escreve a sua trilogia para documentar os três grandes acontecimentos da segunda metade do século XX na América que talharam a sua geração: a Guerra no Vietname e a contracultura dos anos 1960 (*American Pastoral*), o Macarthismo na década de 1950 (*I Married a Communist*) e a histeria do politicamente correto, culminando no escândalo do final dos anos 90 com Bill Clinton como protagonista (*The Human Stain*). Ou seja, começando em 1997 e acabando em 2000, numa soma total que ultrapassa as mil páginas, Roth, pela voz de Zuckerman, escreve, em jeito de tragédia, uma longa crónica das inquietações americanas desde os anos 1940 até ao final do século.

No entanto, a estratégia de Roth não passa por fazer dos seus romances documentos históricos. Durante a década de 1960, Roth confessou que o país estava a um ritmo que não conseguia acompanhar (Alexander 183). Como explica Edward

Alexander: “life was becoming so fantastic that it was outstripping the capacity of the novelist’s imagination” (183). Roth foi assim aprimorando o que chama de “fake autobiography, false history . . . a half-imaginary existence out of the actual drama of my life” (Alexander 183). Embora a Trilogia Americana não seja exatamente “false history”, o autor, recorrendo à ficção, consegue entrelaçar o privado com o público, ou seja, desenhar a experiência americana partindo do plano pessoal, quotidiano e familiar, assim como é defendido por Mark Shcechner, referindo-se a *American Pastoral*: “the sixties Cultural Revolution is merely backstory, Zeitgeist, a bridge to get from insurrection in the street to mutinity in the family room. Roth is otherwise preoccupied: he is vexed mainly by fatherhood” (143).

A Trilogia Americana de Roth dá-nos a conhecer Seymour Levov, em *American Pastoral*, Ira “Iron Rinn” Ringold, em *I Married a Communist*, e Coleman “Silky” Silk, em *The Human Stain*. A jornada destas três personagens é antecedida por outras figuras masculinas, que agem como mentores dos protagonistas: Swede é instruído pelo pai, Lou Levov, na arte da industrialização de luvas, herdando a poderosa fábrica Newark Maid; enquanto Iron Rinn (que depois passa o que aprendeu para o narrador Zuckerman, quando este é adolescente) é doutrinado por Johnny O’ Day, que lhe ensinou tudo o que sabia sobre a ideologia Comunista durante o seu tempo no exército; e, por fim, Coleman Silk, é educado pelo pai, Clarence Silk, sobre como usar a língua de Shakespeare, aprendendo as principais tragédias do dramaturgo. (Relativamente a Silk, é importante também mencionar a influência dos seus treinadores no seu desenvolvimento. Num capítulo intitulado “Slipping the Punch”, o primeiro treinador de Silk descreve-o como um “counterpuncher” (*The Human Stain* 90), ou seja, um boxista que ataca apenas em retaliação. Esta descrição de Silk é adequada, uma vez que a personagem, um afro-americano, passa por judeu, a partir do final da sua adolescência até ao final da sua vida. Silk não ataca, mas consegue retaliar com as opções que lhe são dadas. Todavia, o seu grande mentor viria a ser Doc Chizner: “You look like you look. . . . He’s going to think you’re Jewish” (*The Human Stain* 99).

Nos três romances, os protagonistas tentam seguir o caminho dos seus mentores, mas falham miseravelmente, sendo que as suas vidas resultam numa história trágica. Swede gere o negócio de família, herdado pelo pai, mas não consegue ter a família estável pela qual lutou, tal como o seu antecessor conseguiu; Rinn dedica-se à luta de classes do proletariado, mas é exposto em praça pública pela mulher enquanto um comunista; e Silk é demitido da universidade onde leciona um curso sobre literatura clássica por causa de um comentário que é interpretado como

tendo conotações racistas. Das três tragédias, a de Swede é provavelmente a mais complexa e a mais complicada de entender, visto que, no caso de Iron Rinn e de Coleman Silk, as suas quedas decorrem de factos públicos e profissionais, embora tenham em comum com Swede tensões familiares subjacentes.

Para entendermos melhor a personagem de Swede Levov devemos considerar dois aspetos: como a personagem lida com a sua própria ideia de inocência e como lida com a mulher e a filha. Tal como Schechner defende, a vida familiar de Swede é importante para o romance, mas não só, é fulcral para perceber a personagem.

Swede Levov no Jardim do Éden

Numa primeira leitura, a tragédia de *American Pastoral* é a “queda” de Swede, provocada pelo atentado terrorista cometido pela sua filha, Merry. A figura que Swede idolatra, um mito americano com o nome de Johnny Appleseed, pode ser visto como o primeiro passo em direção ao abismo. Swede tenta incansavelmente tornar-se nesta figura, pois, no seu entender: “Johnny Appleseed, that’s the man for me. Wasn’t a Jew, wasn’t an Irish Catholic, wasn’t a protestant Christian, . . . Johnny Appleseed was just a happy American, . . . Johnny Appleseed out there planting apple trees” (*American Pastoral* 316). Erradamente, Swede estende esta fantasia à sua família: “‘Who is his wife?’ ‘Dawn. Dawn Appleseed’ . . . ‘Sure he has a child . . . Merry Appleseed’” (*American Pastoral* 316). Swede começa assim a sua caminhada, passando de olhar para si enquanto judeu para a sua conceção do que é ser americano. Outro momento marcante desta transformação seria um dos seus discursos para Dawn: “We own a piece of America, Dawn. I couldn’t be happier if I tried. I did it, darling, I did it - I did what I set out to do!” (*American Pastoral* 316). No entanto, como percebemos com o decorrer do romance, Swede vive enrolado num mito e não na realidade. Um bom exemplo disto é a perceção errada do sítio onde decidiu construir a sua casa, Old Rimrock. Até ser informado pelo pai, Swede desconhecia o passado da zona onde desde cedo sonhou viver: “The Klan thrived out here in the twenties. Did you know that? The Ku Klux Klan. People had crosses burned on their property out here” (*American Pastoral* 309); e o seu irmão, Jerry, quem estabelece a ligação entre a filha, o mito do Sonho Americano e a causa da sua queda:

You longed to belong like everybody else to the United States of America? Well, you do now, big boy, thanks to your daughter. The reality of this place is right up in your kisser now. With the help of your daughter you’re as deep in the shit as a man can

get, the real American crazy shit. America amok! America amuck! (*American Pastoral* 277).

Tal como argumenta Elaine Safer, vemos aqui Roth a fazer uma justaposição entre a inocência e a realidade, na qual a ação do romance se justapõe à vivência concreta da sociedade americana, “engaged in the controversial Vietnam War” (84). Para além disso, vemos também a ironia de Roth a trabalhar, no sentido em que a visão pastoral de ser um Johnny Appleseed em Old Rimrock é permitida devido ao trabalho industrial produzido em Newark Maid, originando uma fusão com uma classe burguesa, a classe contra a qual Merry luta. É com a ruína da fábrica, nas instâncias finais do romance, que a visão de Swede começa a deteriorar-se: “The deterioration of the factory is part of the tragic loss of the old Downtown It connects to the personal tragedy of the Swede, and it symbolizes the catastrophic destruction of the nation’s American Dream” (Safer 86).

A deterioração do Sonho Americano, simbolizado pela fábrica, estabelece um elo de ligação com a destruição da figura quasi deusa de Swede, tal como é exemplificado por Marshall Bruce Gentry em “Newark Maid Feminism”: “When Swede remembers trying to save the factory from rioters, he momentarily reveals to the reader that he has not sufficiently appreciated his workers - here in the person of a black worker named Vicky” (78). Gentry sublinha um excerto de *American Pastoral* no qual Vicky confronta Swede em relação à fábrica: “This is mine too. You just own it” (*American Pastoral* 162). Assim, conseguimos perceber o fim da figura mitológica endeusada por Zuckerman no início do romance, pois Swede é forçada a abrir mão do seu feito heroico de salvar a fábrica.

O romance fecha com uma série de frases que acabam por ser das mais importantes e provocadoras de *American Pastoral*: “All the voices from without, condemning and rejecting their life! And what is wrong with their life? What on earth is less reprehensible than the life of the Levovs?” (413). Nada na vida dos Levov é imediatamente repreensível, mas estas vozes de fora, mencionadas por Zuckerman, incluindo a voz dos leitores, percebem que a visão de Swede é contraditória e, por consequência, inexequível. Poderíamos até trocar na citação anterior “life of Levovs” por “American Dream”. O que é menos repreensível que o sucesso de Swede, conquistado com trabalho árduo da sua parte e das gerações que o antecederam, que o levou a atingir o seu tão cobiçado American Dream? A resposta é dada por Marshall Bruce Gentry: “Roth has written a feminist novel about how Swede and the culture, the politics, the economic system he represents, have at least indirectly produced the nightmares they suffer” (78).

Swede acaba por se autodestruir, ao invés de ser destruído, quando começa a executar um plano de vida assente num mito e ignorando a afirmação da identidade feminina dos restantes elementos da família. Em retrospectiva, conseguimos perceber que o atentado terrorista de Merry é o bode expiatório para justificar a tragédia de Swede Levov. Esta apreciação da personagem de Swede traz uma nova força a uma outra frase emblemática de *American Pastoral*: “It’s getting them wrong that is living, getting them wrong and wrong and wrong and then, on careful reconsideration, getting them wrong again” (35).

Uma casa dividida: a relação de Swede com Dawn e Merry Levov

Em 1997, Philip Roth reconheceu que a matéria que compreende a sua obra é a vida masculina: “the circus of being a man . . . and the ringleader is the phallus” (Shostak 111). Para quem está minimamente familiarizado com a sua obra, esta afirmação não surpreende, uma vez que os três grandes narradores do cânone de Roth são masculinos, Zuckerman, Kepesh e Roth, assim como os protagonistas das restantes obras, ou seja, Portnoy, Sabbath ou Dixon. Proporcionalmente, também não é surpresa nenhuma que os protagonistas da Trilogia Americana, composta por *American Pastoral*, *I Married a Communist* e *The Human Stain*, narrada por Nathan Zuckerman, sejam homens. Deste modo, adjacente às temáticas debatidas nestes três livros de Roth, a questão masculina e o papel do homem ocupam um lugar importante, mas insuficiente para se perceber a tragédia de Swede.

No início do romance, Zuckerman comenta que a vida da mãe de Swede encaixava nas normas sociais americanas do pós-Segunda Guerra Mundial: “one of the many women of that era who never dreamed of being free of the great domestic enterprise centered on the children” (*American Pastoral* 10). Em *Portnoy’s Complaint*, Alex descreve a mãe em situações semelhantes, elogiando a sua capacidade de gerir uma casa:

she grated her own horseradish rather than buy the *pischachs* they sold in a bottle, . . . she would telephone all the other women in the building drying clothes on the back lines . . . to tell them . . . a drop of rain had fallen on our windowpane . . . For mistakes she checked my sums; for holes, my socks; for dirt my nails. (14)

A longa descrição das atividades da sua mãe mostra as qualidades esperadas de uma mulher: o cuidado com a alimentação da família, a limpeza da casa, a roupa, a higiene e saúde da família, assim como o apoio escolar aos filhos. Esta longa descrição é

semelhante ao caso que é descrito por Betty Friedan, em *The Feminine Mystique*, evocando “Occupation: Housewife”, publicado pela revista *Ladies’ Home Journal* e escrito por Dorothy Thompson, uma colunista que direcionava os seus textos às donas de casa americanas. Com “Occupation: Housewife” a revista tentava passar a ideia de que uma dona de casa tinha várias carreiras, pondo-as em prática todos os dias:

The trouble with you, she scolds, is you don’t realize you are expert in a dozen careers, simultaneously. “You might write: business manager, cook, nurse, chauffeur, dressmaker, interior decorator, accountant, caterer, teacher, private secretary—or just put down philanthropist. . . . All your life you have been giving away your energies, your skills, your talents, your services, for love.” But still, the housewife complains, I’m nearly fifty and I’ve never done what I hoped to do in my youth—music—I’ve wasted my college education. (Friedan 68-9)

Talvez a mãe de Portnoy, ou a mãe de Swede, não se identifiquem com a última frase do excerto aqui citado, mas decerto que Dawn, a esposa de Swede, se revê nela.

Sabemos que Dawn frequentou o ensino superior, quando Zuckerman aborda o seu tempo como Miss New Jersey, mas o que resultou desse investimento na prática? O leitor percebe que Dawn foi forçada a levar uma vida semelhante à de Mrs Portnoy e Mrs Levov. No discurso de Swede sobre ter conquistado um pedaço dos Estados Unidos da América, ficam evidentes as múltiplas facetas da sua existência: “I’m with you, I’m with the baby, I’m at the factory during the day, the rest of the time I’m out here” (*American Pastoral* 315). Já a existência de Dawn é condicionada pelas ambições de Swede, ou seja, ele tem o direito ao trabalho, à tomada de decisões, enquanto a mulher e a família são meramente sítios de passagem no seu trajeto. Swede revive os tempos da geração do seu pai com a sua própria família, lembrando o comentário de *Gatsby* sobre reescrever o passado (Fitzgerald 106).

Outro aspeto da vida dos Levov que demonstra o papel passivo de Dawn é a sua opinião sobre a casa de Old Rimrock:

When he overheard her telling the architect, their neighbour Bill Orcutt, that she had always hated their house, the Swede was as stunned as if she were telling Orcutt she had always hated her husband. He went for a long walk, needed to walk almost the five miles down into the village to keep reminding himself that it was the house she said she’d always hated. (*American Pastoral* 189)

É curioso, no entanto, perceber que Dawn forja um caminho quase semelhante ao de Swede para estabelecer a sua independência: começa com uma casa nova e tem um

caso com alguém fora da sua “tribo”, tornando o comentário de Swede ainda mais peculiar: “If she could marry a Jew, she could surely be a friendly neighbor to a Protestant—sure as hell could if her husband could” (*American Pastoral* 311). Com isto também conseguimos perceber que as amigas de Dawn eram forçadas pela parte de Swede, ou seja, se ele consegue fazer, então a esposa tem, obrigatoriamente, de executar as mesmas ações. De igual modo, Swede também controla a liberdade financeira de Dawn, sendo ele a financiar o seu negócio de gado.

Existe ainda outra camada no casamento de Swede e de Dawn que merece atenção, tal como é explicitado por Gentry: “Swede considers marrying Catholic Dawn Dwyer to be an act of rebellion against his father” (79). Esta ideia é corroborada por um comentário que já havia sido feito em *Portnoy’s Complaint*: “I don’t seem to stick my dick up these girls, as much as I stick it up their background - as though through fucking I will discover America. *Conquer America*” (214). Debra Shostak, em “Roth and gender”, valida esta teoria explicando que:

The *shiksa* . . . is for the Jewish man the highly eroticized image of cultural difference . . . to disobey the rules that identify his body as Jewish and hence neither a “man” or fully “American”, . . . to reverse the implied hierarchy in the opposition by penetrating gentile America. (217)

Por conseguinte, O casamento com Dawn liberta Swede da opressão do seu pai e ajuda-o a alcançar o que a personagem entende como sendo a América. Dominar Dawn, no seu entender, é dominar a imagem que Swede projetou como a sua versão pessoal do Sonho Americano. O seu próprio irmão, Jerry Levov, partilha um comentário ilustrativo sobre a relação de Swede com a filha e a esposa: “you loved her as fucking thing. The way you love your wife” (*American Pastoral* 274).

Merry Appleseed: a semente de Swede Levov

Tal como acontece com Dawn, Swede também se mostra incapaz de aceitar as decisões da filha quando estas não se alinham com a sua visão. Um exemplo disto são as conversas sobre as viagens de Merry a Nova Iorque:

“What do you do when you go to New York? Who do you see in New York?” “What do I do? I go see New York. That’s what I do.” . . . “You’re involved with political people in New York.” . . . “Yes or no?” “They’re people, yes. They’re people with ideas, and some of them don’t b-b-b-believe in the war. Most of them don’t b-b-b-believe in the war.” . . . “You come home with all this Communist material. You come home with

all these books and pamphlets and magazines.” “I’m trying to *learn*. You taught me to *learn*, didn’t you? Not just to study, but to *learn*.” (*American Pastoral* 104)

Jerry comenta com Zuckerman a educação doméstica de Merry: “Just a liberal sweetheart of a father. The philosopher-king of ordinary life. Brought her up with all the modern ideas of being rational with your children. Everything permissible, everything forgivable, and she hated it” (*American Pastoral* 69); mas até que ponto é Swede verdadeiramente liberal, quando tudo o que foge à sua norma deixa de ser permitido? Tal como Merry lhe diz, “All you can think about, all you can talk about, all you c-c-care about is the well-being of this f-fucking l-l-little f-f-family!” (*American Pastoral* 107), dando a entender que o bem-estar da família depende dos seus critérios de avaliação e que o resto da sociedade fica excluída deste cuidado. Devido à falta de liberdade financeira, por exemplo, só com a aprovação de Swede é que Dawn teve meios para fazer uma cirurgia plástica.

Por outro lado, a gaguez de Merry pode ser vista como um sintoma do seu desconforto no seio da sua família, desaparecendo apenas quando esta começa a produzir bombas: “Assembling bombs had become her specialty . . . That’s when the stuttering first began to disappear. She never stuttered when she was with the dynamite” (*American Pastoral* 259). O mesmo acontece quando Merry se converte ao jainismo. Embora seja óbvia a razão pela qual Swede se opõe ao fabrico de bombas caseiras, o mesmo não acontece no que toca à escolha religiosa. No final do romance, percebemos, por fim, porque é que Swede não aprova as escolhas de Merry. Na verdade, sente vergonha do caminho que a filha tomou:

The Swede understood instantaneously what was happening. Merry had appeared in her veil! And told her grandfather that the death toll was four! She’d taken the train up from Newark and walked the five miles from the village. She’d come on her own! Now everyone knew! (*American Pastoral* 419)

Curiosamente, o tio, Jerry, embora manifestando-se sempre crítico face ao comportamento da sobrinha, confessa a Swede que teria tomado as mesmas decisões, caso fosse forçado a tamanho controlo: “I would have thrown a bomb. I would become a Jain and live in Newark. That Wasp bullshit! I didn’t know just how entirely muffled you were internally” (*American Pastoral* 280).

Por fim, o leitor apercebe-se da gravidade da personalidade controladora de Swede durante o seu diálogo com Sheila Salzman, quando lhe revela que sabe que a sua filha esteve escondida na casa da antiga terapeuta da fala. Nesta cena, o leitor

percebe que os problemas familiares dos Levov eram perceptíveis pela comunidade que os rodeava, quando Sheila diz: “She was upset and I didn’t know why. I thought something had happened at home” (*American Pastoral* 375). Ao receber esta informação, Swede explode, pois não consegue coexistir com outra visão que não a sua. Para além disso, o leitor também recebe uma nova perspectiva sobre a situação de Merry, dada por Sheila: “She’s not an animal. She’s not like a cat or a bird that you can keep in a cage. She was going to do whatever she was going to do” (*American Pastoral* 375). Schechner argumenta que Merry é o retorno da consciência judia do seu pai, a parte que foi reprimida por Swede (47); mas, como podemos ver no romance, a personagem também é o retorno da personalidade feminista de Dawn, reprimida ao longo dos anos. Em suma, Merry é filha dos seus pais, a semente que Applesseed Levov plantou: a materialização de tudo o que estava reprimido.

A batalha de Electra em *American Pastoral*

Swede falhou ao tentar controlar Dawn, mas teve uma taxa de insucesso ainda maior com Merry. Por outro lado, os conflitos entre Merry e Dawn também são muitos e começam devido à gaguez da filha, sendo que a mãe adota uma postura mais rígida na abordagem ao problema e Swede mostra-se sempre mais flexível:

He was the parent she could always rely on not to jump all over her every time she opened her mouth. “Cool it,” he would tell Dawn, “relax, lay off her,” but Dawn could not help herself. Merry began to stutter badly and Dawn’s hands were clasped at her waist and her eyes fixed on the child’s lips, eyes that said, “I know you can do it!” while saying, “I know that you can’t!” Merry’s stuttering just killed her mother, and that killed Merry. “I’m not the problem—Mother is!” (*American Pastoral* 90)

Para além disso, Zuckerman revela que era a Swede que Merry, em confiança, falava sobre os problemas que tinha com a mãe:

He was the one she could talk to. “Daddy, let’s have a conversation.” More often than not, the conversations were about Mother. She would tell him that Mother had too much say about her clothes, too much say about her hair. Mother wanted to dress her more adultlike than the other kids. Merry wanted long hair like Patti, and Mother wanted it cut. (*American Pastoral* 226)

Esta posição antagónica perante a mãe lembra a descrição do Complexo de Electra, tal como surge em *The Theory of Psychoanalysis*, de Carl Jung:

in the daughter, the typical affection for the father develops, with a correspondingly jealous attitude toward the mother. We call this complex, the Electra-complex Electra took revenge on her mother for the murder of her husband, because that mother had robbed her of her father. (69)

Embora Dawn não tenha tentado assassinar o marido, os ciúmes por parte de Merry são visíveis, sendo que o culminar destes sentimentos está presente num dos mais importantes momentos do romance:

“Daddy, kiss me the way you k-k-kiss umummother.” Sun-drank himself . . . he had looked down to see that one of the shoulder straps of her swimsuit had dropped over her arm, and there was her nipple, the hard red bee bite that was her nipple . . . , and kissed her stammering mouth with the passion that she had been asking him for all month long. (*American Pastoral* 89-90)

Conseguimos perceber, aqui, que houve a possibilidade de um romance incestuoso entre Swede e Merry, decorrente da ingenuidade dos dois. Do mesmo modo, percebemos que Swede não conseguiu controlar Merry, pois esta é quem controla o pai, ao colocar em questão o seu autocontrolo e equilíbrio:

Never in his entire life, not as a son, a husband, a father, even as an employer, had he given way to anything so alien to the emotional rules by which he was governed, and later he wondered if this strange parental misstep was not the lapse from responsibility for which he paid for the rest of his life. (*American Pastoral* 91)

Depois deste beijo, Swede interroga-se se foi este o momento-chave que desencadeou a tragédia. Embora Swede consiga fazer uma avaliação crítica dos seus erros, continua a olhar para a situação do lado errado do telescópio: a tragédia continua a ser medida numa escala de quem controla quem.

Por fim, a relação incestuosa acaba por se consumir, de forma indireta, através do contacto entre Swede e Rita Cohen. Começando pela personagem de Cohen, Swede projeta nela os seus pensamentos mais perversos sobre Merry, como defende Gentry. Proporcionalmente, é com Rita Cohen que as suas fantasias sexuais com Merry sobem à tona: “All locked up like that. Let’s fuck, D-d-d-daddy” (*American Pastoral* 144). Conseguimos perceber que há uma correlação entre Merry e Cohen quando ambas tratam Swede pelo mesmo termo, “daddy”. Ainda sobre a relação incestuosa entre os dois, Gentry (81) sublinha que quando Swede descobre que Merry

foi violada, imagina-se enquanto um dos violadores, não como alguém que a poderá tirar daquela situação, ignorando também tudo o resto que a filha lhe disse: “Only the rape was imaginable. Imagine the rape and the rest is blocked out” (*American Pastoral* 266).

Em suma, a relação de controlador-controlado de Merry e Swede, respetivamente, não difere da relação que este tem com a sua esposa, Dawn. A ingenuidade de Swede leva-o a tentar controlar a sua filha do mesmo modo que controla a sua mulher, através de estímulos sexuais. A tragédia do romance não provém da tentativa falhada de educar a sua filha, mas sim de não ter a maturidade e a capacidade de perceber Merry enquanto pessoa independente separada do pai. É Swede que quer voltar ao momento em que beijou Merry, não o contrário, para reverter a cadeia de controlo que perdeu.

Conclusão

A receção crítica de *American Pastoral* é bem documentada pelos investigadores que trabalharam a obra. Gentry recupera algumas críticas escritas aquando da publicação do romance, tais como a de Louis Menad, para a revista *New Yorker*, que afirma que Roth deu um passado em direção à “cultural right” (Gentry 77) e acrescenta que alguns leitores caem no erro de olhar para Swede enquanto vítima: “a good man punished for his virtues” (Gentry 74). Percebemos que a tragédia de Swede advém das suas ações e comportamentos durante a sua vida adulta, tais como tentar emular os comportamentos do pai, replicar o ambiente em que cresceu com a sua esposa, assim como ceder à sua filha, devido à sua própria ingenuidade.

No final do romance, Swede confesse a Zuckerman que sofreu com um cancro da próstata, a personagem parece ter, finalmente, vingado na vida. O narrador informa o leitor que Swede voltou a casa e é pai de dois filhos. Ou seja, Swede teve uma segunda oportunidade para ser um patriarca, deixando o leitor a adivinhar se a personagem criou os dois rapazes do mesmo modo que ele e o irmão foram criados, e se conseguiu um casamento equilibrado, coisa que não teve com Dawn. Mesmo no final de *Pastoral*, o sucesso de Swede é medido pela única coisa que sempre lhe interessou: a sua aparência. Se Swede consegue passar a imagem que quer, então teve uma vida de sucesso. Se Swede consegue controlar a sua família, então foi bem-sucedido nos objetivos que se propôs alcançar.

Obras Citadas

- Alexander, Edward. (1999). "Philip Roth at Century's End." *New England Review* (1990-), vol. 20, no. 2, pp. 183-90, <http://www.jstor.org/stable/40244484>. Accessed 17 May 2023.
- Friedan, Betty. *The Feminine Mystique*. W. W. Norton Company, 2010.
- Gentry, Marshall Bruce. "Newark Maid Feminism in Philip Roth's *American Pastoral*." *Shofar*, vol. 19, no. 1, 2000, pp. 74-83, <http://www.jstor.org/stable/42943152>. Accessed 17 May 2023.
- Jung, Carl. *The Theory of Psychoanalysis*. Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, 1915.
- Roth, Philip. *American Pastoral*. Vintage Classics, 2019 [1997].
- . *Portnoy's Complaint*. Penguin Books Ltd., 1986.
- Parrish, Timothy. *The Cambridge Companion to Philip Roth*. Cambridge University Press, 2007.
- Safer, Elaine B. *Mocking the Age: The Later Novels of Philip Roth*, SUNY series in Modern Jewish Literature and Culture, 1st ed. SUNY Press, 2006.
- Shcehner, Mark. "Roth's American Trilogy." *The Cambridge Companion to Philip Roth*, edited by Timothy Parrish, 2007, pp. 142-57. Cambridge University Press.
- Shostak, Debra. "Roth and gender." *The Cambridge Companion to Philip Roth*, edited by Timothy Parrish, 2007, pp. 111-25.